

A ética e o ensino de jornalismo

Ana Lúcia Alves Bahia* e Marina Rigueira Carlos e Rigueira**

Resumo

O ensino do jornalismo é recente no Brasil. O primeiro curso criado no País foi em 1935, e desde então foram muitas as transformações. Analisando três eixos que estruturam o ensino jornalístico – da técnica, da ética e da práxis –, abordamos neste artigo o âmbito da ética. Propomos repensar a formação do jornalista e como a ética é incorporada aos estudantes da profissão. Para isso, abordamos aqui os estereótipos do ensino do jornalismo e da ética nos cursos de Comunicação Social.

Palavras-chave: *Ética. Ensino do jornalismo. Deontologia.*

* Ex-bolsista de iniciação científica Fumec/Funadesp, graduanda em Jornalismo

** Ex-bolsista de iniciação científica Fumec/Funadesp, graduanda em Jornalismo

Introdução

A proposta do projeto “*A imagem do pensamento e o ensino de jornalismo*”: por um agenciamento dos saberes na formação do profissional do acontecimento midiático”, desenvolvido como iniciação científica na FCH-Fumec, foi repensar os princípios que regem a formação do comunicador/jornalista. Durante a pesquisa, foram investigados três eixos que estruturam o ensino jornalístico: o da técnica, o da ética e o da práxis. Entende-se que esses eixos materializados na forma de documentos das instituições (projeto político pedagógico, grade curricular, ementas, plano de ensino, dentre outros), além da efetividade da sala de aula, podem traduzir o que seria o conceito de ensino aprendizagem.

Para fundamentar a pesquisa, fizemos uma revisão teórica da bibliografia proposta no projeto, traçamos um panorama histórico dos cursos de jornalismo mediante a leitura de textos de José Marques de Melo, Dirceu Fernandes Lopes, dentre outros. Após essa revisão, foram feitas entrevistas com os coordenadores do curso de Jornalismo das seguintes instituições de ensino superior de Belo Horizonte: Newton Paiva, Estácio de Sá, Uni-BH e PUC Minas (São Gabriel).¹ Por meio de uma pesquisa via internet, coletamos grades curriculares de instituições de ensino de todo Brasil que também foram analisadas.

Feito isso, discutimos as conclusões que poderiam ser tiradas das entrevistas e dos documentos. Percebemos que as respostas dos coordenadores eram muito parecidas, até mesmo estereotipadas e vinculadas a documentos, como as Diretrizes Curriculares do MEC (BRASIL, 2002). Vários pontos foram foco de atenção, porém o que mais nos despertou a curiosidade foi o fato de os coordenadores afirmarem a importância da ética para a formação de seus alunos, e por outro lado, as grades curriculares não focarem tanto disciplinas voltadas para o campo ético. Assim, neste artigo abordamos o eixo de formação do profissional da comunicação, no que engloba o ensino da ética. Para falar do ensino da ética no jornalismo é necessário, antes de tudo, fazer um resgate da trajetória dos cursos jornalísticos ao longo dos anos.

Panorama histórico dos cursos de jornalismo

A criação do primeiro curso de jornalismo no Brasil foi em 1935, na Universidade do Distrito Federal. Na época, a idéia de um curso profissionalizante para jornalistas já havia sido discutida em demasia e já não era novidade em terras européias e norte-americanas. A primeira fase dos cursos de jornalismo brasileiros (entre 1935 e a década

1 O curso da PUC Minas São Gabriel é de Comunicação Integrada. Até o final do quinto período, os alunos cursam disciplinas das três habilitações: jornalismo, publicidade e propaganda, e relações públicas. O curso mescla sala de aula, laboratórios e núcleos de pesquisa visando articular as três áreas da comunicação. Ao ingressarem no sexto período, os graduandos devem escolher qual habilitação seguir.

de 1960) foi influenciada pelas iniciativas européias que, desde o século XIX, quando os primeiros diplomas jornalísticos estavam surgindo, privilegiavam uma formação academicista, dando ao recém-inaugurado curso de jornalismo caráter intelectual, apoiado em uma grade curricular essencialmente humanística. As razões apontadas para a valorização do pólo sócio-humanista em detrimento do pragmático-operacional, nesses dois momentos, são diversas. Uma das razões indica que a presença de disciplinas humanísticas e teóricas era uma justificativa para a existência dos cursos de jornalismo nas universidades que, nesse momento, foram alocados nas faculdades de Filosofia. Martino (2006, p. 22) explica que

[...] a importância das disciplinas teóricas está ligada a um problema mais profundo, que é a definição do estatuto do jornalismo, ou seja, a determinação da natureza do conhecimento que gera ou no qual se apóia: seria uma ciência, uma arte ou simplesmente uma prática ligada à circulação de informação?

Outro motivo que explica a adoção do perfil academicista das faculdades de jornalismo está engendrado na história mundial. No início do século XIX, a Universidade de Breslau, na Alemanha, inaugurou a primeira experiência de tornar universitária a profissão do jornalista. Daí por diante, a tentativa de instaurar o curso de jornalismo na universidade espalhou-se pelo velho continente durante todo o século. Nesse mesmo período, a Europa disseminava pelo mundo uma onda de revoluções, no século que é comumente denominado pelos historiadores de “o longo século”.² Paralelamente à Revolução Industrial, à Francesa e às revoluções de independência na América Latina surgiu a prática do jornalismo, ancorada em causas sociais e contando com a participação de figuras históricas como Karl Marx e Machado de Assis. Nessa época, o jornalismo era apenas uma ocupação. Enquanto não se firmavam em profissões mais nobres, aqueles que se aventuravam a escrever para os periódicos da época alcançavam um rendimento financeiro tornando-se jornalistas. Parece óbvio, então, que a tentativa de profissionalizar o exercício do jornalismo favoreceria uma matriz sócio-humanística. É importante lembrar que os primeiros cursos de jornalismo no Brasil revelavam certa inclinação para questões de natureza deontológica.

Em 1969, a profissão de jornalista foi regulamentada pelo Decreto-Lei n. 172, de 12/10/1969, que implementava a exigência do diploma

² A expressão “o longo século XIX” é uma análise de Eric J. Hobsbawm, um dos mais renomados historiadores da atualidade, que iniciou seus estudos acadêmicos de História em 1936, no King’s College, da Universidade de Cambridge. Hobsbawm considerou o período entre 1789 e 1914 como o “o longo século XIX” por acreditar que o capitalismo como modo de produção se efetivou com a Revolução Francesa. Já o século XX seria para o historiador um século curto, uma vez que ele teria se iniciado com a erupção da Primeira Guerra Mundial e durado até o desmoronamento da União Soviética.

para o exercício da profissão. O Ministério da Educação estabeleceu diretrizes pedagógicas sob as quais os cursos deveriam se assentar. Houve, assim, uma expansão de faculdades de jornalismo liderada pelo setor privado, formando cada vez mais profissionais e ocasionando um mercado mais acirrado. A disseminação das faculdades jornalísticas, sobretudo das instituições privadas, perdurou até a década de 1990.

Depois de 1996 houve um *boom* de novas faculdades, quando o governo³ liberou a criação de cursos pelas instituições de ensino. Nesse momento, as novas faculdades adquiriram um perfil operacional, com uma grade curricular voltada para a técnica. A necessidade de operar cada vez mais a profissão de jornalista e formar “técnicos em informação” assemelha-se ao que aconteceu nos Estados Unidos no século XIX. Em 1869, mais de meio século após as primeiras tentativas europeias de colocar o jornalismo nas universidades, surgiram iniciativas norte-americanas nesse sentido, no Washington College, em Virginia. Ao contrário do que aconteceu na Europa, a maioria dos norte-americanos não defendia a idéia do jornalismo como um curso universitário. Eles acreditavam que o único lugar onde se pode aprender sobre jornalismo seria nas redações dos veículos de comunicação.

Da década de 1990 para cá, o jornalismo como curso universitário vem passando por transformações. A popularização da internet fez surgir a necessidade de repensar conceitos antes cristalizados. Há um questionamento pouco abordado, apesar do grande número de discussões que giram em torno do ensino do jornalismo atualmente. Trata-se da ética, campo do saber que orienta não somente jornalistas, como diferentes profissionais, por meio da deontologia. É válida a explanação mais detalhada a respeito da ética e de um conceito que a rege – a moral.

Moral, ética e deontologia

A moral e a ética são dois conceitos que possuem a mesma finalidade: auxiliar o indivíduo a distinguir o bem e o mal, o lícito e o ilícito, bem como a pautar o seu comportamento por meio de premissas que o levam a estar em harmonia com a sociedade e consigo mesmo. Contudo, as características particulares de cada um dos termos são bem delimitadas e devem ser definidas para, então, melhor entendermos o que é a deontologia.

A moral define-se como um sistema de valores e princípios que orientam o comportamento dos indivíduos, com a finalidade de promover e manter a harmonia entre os membros de um grupo social, e conter e superar momentos de crise. De acordo com Vásquez (1915, p. 39), “a

3 Até essa data, 1996, era necessário pedir autorização ao governo para criar cursos de comunicação e aguardar sua liberação. Até os cursos que seriam criados nas federais do Brasil tinham de passar por esse trâmite.

moral só pode surgir – e efetivamente surge – quando o homem supera a sua natureza puramente natural, instintiva, e possui já uma natureza social: isto é, quando já é membro de uma coletividade”.

Ao contrário das leis, os valores e princípios definidos pela moral não são impostos, mas assimilados por meio do convívio social. Cada grupo social possui sua moral, que pode ou não ser compartilhada com outros grupos, e está sujeita a sofrer alterações. Já a ética está em um âmbito mais reflexivo da moral. Sua definição etimológica vem da Grécia Antiga e deriva do termo grego *ethos*, que significa “costumes”. Vásquez (1915, p. 23) define ética como “[...] a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. Ou seja, é ciência de uma forma específica de comportamento humano”.

A reflexão englobada pela ética pretende compreender fundamentos e condições sócio-históricos da prática moral que pauta o comportamento de determinado grupo social, para oferecer-lhe a possibilidade de utilizar conscientemente a moralidade. No entanto, a ética não oferece um código de condutas morais, mas esclarece o que é o comportamento adequado em cada contexto:

Não lhe cabe formular juízos de valor sobre a prática moral de outras sociedades, ou de outras épocas, em nome de uma moral absoluta e universal, mas deve, antes, explicar a razão de ser desta pluralidade e das mudanças de moral [...]. (VÁSQUEZ, 1915, p. 21)

No âmbito profissional, o que direciona o comportamento do indivíduo no sentido de fazer o bem, de acordo com os valores morais de sua sociedade, é a deontologia. Deontologia é a ética profissional. Ela “considera o aspecto moral do homem exercendo sua profissão. Essa parte da ética fixa-se especialmente no conteúdo e na honradez das atividades e trabalhos, comprometendo, desta forma, a própria profissão” (LUKA, 1997, p. 76) e ajuda a definir direitos e deveres dos jornalistas. Sua principal função é permitir que os jornalistas sejam capazes de se defender de interesses particulares que podem comprometer-lhes o trabalho.

Em nossa pesquisa, percebemos certa defasagem de conceitos e princípios no que diz respeito à ética como um eixo de formação do jornalista. Ocupados em discutir a dualidade entre o pólo sócio-humanístico e o pragmático-operacional – ou mesmo escolher um deles para privilegiar por meio da grade curricular –, os teóricos e o corpo docente e discente das universidades desviaram atenções de um pólo que poderia possibilitar uma mudança de foco no ensino do jornalismo.

O ensino da ética no curso de jornalismo

Há quem diga que o jornalismo se define por uma ética, mas como ensinar aos futuros jornalistas a conduta correta? Existe uma conduta correta? Ou o ensino da ética serviria para fazer o aluno reconhecer e se posicionar sobre os dilemas éticos da profissão, seja qual for seu posicionamento?

É notória a expansão do ensino do jornalismo nos últimos vinte anos, considerando que no Brasil os cursos são novos. O amadurecimento dos jornalistas, das empresas de comunicação e dos consumidores de informação no Brasil é uma realidade fortalecida, principalmente, pela consolidação da democracia no País. Desde o fim da ditadura, a sociedade brasileira amadureceu, fortaleceu instituições e se reacostumou a eleger representantes. Assim, o jornalismo ganhou novo papel social. A nova sociedade exigiu mais qualidade e cautela em relação às produções jornalísticas e o debate sobre ética deveria receber maiores atenções.

Quando questionados sobre o lugar da ética nas grades curriculares dos cursos de jornalismo, os coordenadores das quatro instituições de ensino superior de BH citadas afirmaram que a ética é uma preocupação que permeia o curso do início ao fim. Marialice Nogueira, coordenadora do curso de jornalismo da Newton Paiva, reforça: “A Newton Paiva tem como princípio que ética é problema de todos os professores”. Josana Mattedi, coordenadora do curso da Estácio de Sá, completa que a ética está presente “[...] desde o trabalho de campo diário até a disciplina específica [...]”. Contudo, apesar da preocupação dos coordenadores em garantir espaço para disciplinas ligadas à ética, observa-se um descaso ao analisar as grades curriculares das instituições. Nas quatro instituições de ensino pesquisadas, há, no máximo, duas disciplinas que tratam especificamente da ética no jornalismo em suas grades. Por exemplo, na Newton Paiva, os alunos têm contato com a ética no primeiro e no quinto período, nas disciplinas Filosofia e Ética e Legislação e Ética, e, no Uni-BH, somente no oitavo período, na disciplina Legislação e Ética em Jornalismo.

Em pesquisas superficiais em grades curriculares de outras instituições de Belo Horizonte e de outras cidades do País, é detectada situação semelhante. Na Universidade Federal do Paraná, os alunos só se relacionam com uma disciplina ética no sétimo período e, na Faculdade Cásper Líbero, há apenas uma disciplina relacionada à ética. Voltando à capital mineira, a Universidade FUMEC, que segue a mesma linha das outras instituições, oferece uma disciplina ligada à ética no oitavo período. Disciplinas ligadas à técnica são a maioria em todas as grades curriculares consultadas.

Bucci (2002) defende que o ensino da técnica, nos cursos de jornalismo, não é o mais importante, mas que o verdadeiro papel das universidades deve ser a formação de profissionais da imprensa críticos. Jornalistas devem ter sempre em mente a responsabilidade de estarem lidando com pessoas e intermediando as relações entre elas. Para imbricar essa responsabilidade no pensamento dos futuros jornalistas, devem ser abordadas questões éticas durante todo o percurso universitário dos profissionais, por meio das disciplinas e de atividades extracurriculares. Segundo Bucci (2000, p. 204), o ideal seria “currículos que contemplem não apenas a existência de uma disciplina sobre ética, mas o compromisso ético como fundamento de cada uma das disciplinas”.

Segundo Christofolletti (2008, p. 15), para alcançar-se um jornalismo melhor não são necessários aos veículos de comunicação apenas os equipamentos mais modernos, mas, sim, “que se formem bem os recursos humanos que povoarão as redações em breve. É fundamental pensar, discutir e difundir um ambiente de reflexão ética nos processos de comunicação”.

Assim, é preciso repensar discursos do senso comum em relação ao que vem a ser ética. Desmoronar mitos que regem o pensamento social ajudará a perceber melhor os desafios que permeiam a formação dos jornalistas. Christofolletti (2008) fala de mitos sobre a ética que rondam a sociedade: “Cada um tem sua ética”; “Ética é uma coisa abstrata”; “A ética é uma só”; “Ética é um assunto acadêmico”; e “Ética se aprende na escola”.

O primeiro mito prega que cada pessoa segue sua ética quando tem de tomar uma decisão no jornalismo. Essa afirmação é equivocada, já que a ética não tem uma dimensão que toca apenas o lado individual das pessoas. Para conviver em harmonia, desde os primórdios foram determinados aos seres humanos valores para orientar-lhes a conduta, ou seja, valores morais. Assim, o que os homens fazem com a moral, como colocam os valores em prática, é o que constitui a ética.

Também se escuta com frequência que a ética é algo abstrato. Apesar de não consistir em algo concreto, as implicações de uma escolha ética ou não podem acarretar danos materiais na vida das pessoas. Já que o jornalismo é uma atividade social que forma opiniões e dissemina informações, a responsabilidade é ainda maior nessa profissão. O jornalista deve pensar profundamente sobre suas escolhas e sobre a repercussão delas.⁴

O terceiro mito está relacionado a uma declaração feita pelo jornalista Abramo (1998 *apud* CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 20) diz que “o jornalista não tem ética própria. Isso é um mito. A ética do jornalista é a ética do cidadão. O que é ruim para o cidadão é ruim para o jornalista”. Essa posição, muitas vezes tomada como verdadeira, é mítica, já que

4 Um exemplo clássico é o caso Escola Base, um dos maiores erros da imprensa brasileira, que desmoralizou diretores e funcionários da escola, acusados sem provas de supostas orgias praticadas com alunos. Os acusados sofreram danos materiais e uma espécie de morte social.

nega a deontologia, um dos princípios que guiam a profissão jornalística, assim como outras profissões. Não é que jornalistas – ou advogados, médicos, etc. – tenham uma ética diferenciada; o fato é que, para cada profissão, os valores morais assumem pesos diferentes. Christofoletti (2008, p.21) explica melhor:

[...] relacionamos jornalistas a pessoas que prezam pela verdade e se regem por ela. Nesse sentido, a verdade é um valor extensivo a todos os cidadãos, mas entre os jornalistas parece pesar mais. Isso não significa que jornalistas sejam mais verdadeiros que as demais pessoas, mas transgredir nesse terreno provoca consequências mais graves para esses profissionais.

É importante ressaltar que a ética não é um assunto unicamente acadêmico, embora a academia produza artigos, livros e até mesmo manuais sobre o tema. A afirmação pode ser comprovada se considerarmos que a prática cotidiana e o uso de novas ideias também fazem parte da construção dos valores morais que direcionam a ética. A qualidade das informações difundidas pelos meios de comunicação evidencia aos consumidores de informação a credibilidade das empresas, fator que possibilita que a sociedade identifique profissionais e empresas éticas ou não. A ética está ligada à vida diária, a qualquer ação de um jornalista ou de qualquer cidadão, e não está restrita a conceitos extraídos de livros.

Considerações finais

É possível concluir que a ética jornalística não se aprende exclusivamente nos cursos de comunicação, mas esse ambiente deve propiciar ao futuro jornalista condições para que ele pratique o exercício ético na sua rotina. Valores morais não podem ser resumidos em apostilas, tampouco há definições de como o jornalista deve agir em todas as situações. O que o futuro jornalista precisa absorver é que, escolhendo uma profissão que lida com a visão de realidade que as pessoas têm, ele está optando por um caminho de responsabilidades peculiares. Apesar de existirem vários códigos deontológicos exclusivos para os jornalistas, não existem fórmulas para que esses profissionais saibam qual decisão tomar em cada situação.

Os dilemas éticos no mundo jornalístico são diversos. O jornalista precisa pesar diferentes valores morais: falar a verdade, ou manter o direito de sigilo da fonte? Optar por fotografar um momento e ser fiel à sua função de noticiar, ou socorrer um indivíduo em situação de emergência? Abrir mão de um personagem perfeito para determinada reportagem somente

porque ele é seu parente ou amigo próximo, ou entrevistá-lo mesmo assim? Esses são exemplos de situações que serão rotineiras do futuro jornalista. Ele deve estar pronto para lidar com elas.

O graduando em jornalismo precisa de um espaço mais demarcado nos cursos, no que diz respeito ao ensino da ética. Algo que vá além das disciplinas que aparecem normalmente no fim das grades curriculares, muitas vezes atreladas aos conteúdos de legislação, sugerindo aos alunos que é ético o que é legal, e vice-versa. Os alunos precisam de um espaço que os faça refletir sobre os dilemas que os aguarda. Um laboratório de ética,⁵ por exemplo, seria mais uma maneira de guiar os alunos e orientá-los a agir eticamente. Disciplinas práticas também devem englobar situações nas quais os alunos seriam forçados a pesar valores morais e, conseqüentemente, aguçar a sua postura ética.

É preciso que haja um corpo docente especializado e capaz de ouvir as dúvidas dos futuros jornalistas a respeito da profissão, para que eles tenham segurança de suas atitudes. Profissionais experientes devem estar em contato constante com os alunos, a fim de transmitir-lhes situações rotineiras da profissão e direcioná-los a tomar as melhores decisões. O futuro jornalista será ético quando se der conta da verdadeira importância de sua função na sociedade. Esse entendimento, atrelado aos valores morais e àquilo que foi aprendido durante a graduação, constitui o início da prática da ética nas respectivas carreiras.

Referências

- BUCCI, Eugênio. *Sobre ética e imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério. *Ética no jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2008.
- GOMES, Pedro Gilberto. *Comunicação social: filosofia, ética, política*. São Leopoldo: Unisinos, 1997.
- LOPES, Dirceu Fernandes. *Jornal laboratório, do exercício escolar ao compromisso com o público-leitor*. São Paulo: Summus, 1974.
- MARTINO, Luiz. Os cursos de teoria da comunicação à luz do jornalismo. *Revista Comunicare*. São Paulo, set. 2005.
- MELO, José Marques. *Contribuições para uma pedagogia da comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1974.
- MELO, José Marques de. *Teoria do jornalismo: identidades brasileiras*. São Paulo: Paulus, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Diretrizes Curriculares*. Resolução CNE/CES 16, de 13 de março de 2002. Lei 9.131, de 25 de novembro de 1995, Parecer CNE/CES 492/2001.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. Rio de Janeiro: Art Line, 1999.
- <http://www.newtonpaiva.br/Cursos/Curso.aspx?CID=282> Acesso em setembro de 2008

5 O laboratório de ética já é uma prática existente no curso de jornalismo da Uni-BH. Sobre o laboratório, Murilo Gontijo, coordenador do curso, diz que “[...] está incumbido de propor atividades, palestras, seminários, encontros, de ser a sede do pensamento do fazer ético na comunicação. Trazer pessoas que trabalham na profissão, que tenham uma preocupação ética, de propor textos para diálogo, de convidar alunos para fazer visitas [...]”.

<http://www.unibh.br/site/cursos/graduacao/jornalismo/index.php?planoCurso=S> Acesso em agosto de 2008

http://www.pucminas.br/ensino/graduacao/graduacao_cursos.php?&pagina=17&curso=84&mostra=disciplinas Acesso em agosto de 2008

<http://www.pucrs.br/uni/poa/famecos/jornalismo/index.htm> Acesso em setembro de 2008

http://www.facasper.com.br/coc/grade_06.php#jo Acesso em novembro de 2008

<http://www.decom.ufrn.br/page-2.php?sid=d85cd621c3f3f04386153ecd729c> Acesso em novembro de 2008

http://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccg/comunicacao_jornalismo.html#periodo_1 Acesso em novembro de 2008